

XII Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación
Lima, Perú, 2014

**CIDADE, COMUNICAÇÃO E MÍDIA: RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E O
FILME MEDIANERAS: BUENOS AIRES NA ERA DO AMOR VIRTUAL¹**

Profa. Dra. Josimey Costa da Silva²

E-mail: josimeycosta@gmail.com

Vanessa Paula Trigueiro Moura³

E-mail: vanessapaulatm@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Grupo de Interesse (GI) 4: Las imágenes visuales y audiovisuales en América Latina

RESUMO

As relações sociais, a individualidade e as subjetividades contemporâneas expressas na comunicação urbana estão nas ruas das cidades, produzindo interações de natureza verbal, extra-verbal e não verbal. Também estão representadas no filme argentino *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*. O cruzamento dessas expressões busca compreender as interações possíveis em um contexto de intensa multiplicidade e simultaneidade de mensagens, estabelecendo uma reflexão acerca da obra argentina que apresenta essa troca imersa em interfaces tecnológicas, transformando a comunicabilidade e interação social em um espaço virtual, pré-estabelecido por uma rotina de isolamento. O filme escolhido como *corpus* de análise deste estudo apresenta alguns elementos que refletem as questões da sociabilidade contemporânea. Neste artigo a abordagem contempla aspectos teórico-analíticos das relações de comunicação de rua nas cidades e uma abordagem da arquitetura de Buenos Aires - representada em *Medianeras* - como vertente que contribui para a representação do imaginário social e midiático urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação urbana; Audiovisual; Relações sociais.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Interesse (GI) 4: Las imágenes visuales y audiovisuales en América Latina, do XII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Realizado de 6 a 8 de agosto em Lima, Peru.

² Doutora pela PUC-SP e pós-doutoranda pela ECOPOS-UFRJ. Docente e pesquisadora dos Programas de Pós-Graduação em Estudos da Mídia e em Ciências Sociais, ambos da UFRN. Coordenadora do grupo de pesquisa Marginália - Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura. E-mail: josimeycosta@gmail.com

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Integrante do grupo de pesquisa Marginália - Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura. E-mail: vanessapaulatm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As ruas das cidades funcionam como um prolongamento das residências. São espaços apropriados pelos cidadãos residentes, que circulam em seus pavimentos com familiaridade e se relacionam com o entorno e uns com os outros de um modo específico. Nas cidades, as ruas são espaços de interação verbal, gestual e social. Elas surgem como emblemas dos fluxos materiais e simbólicos humanos, subjetiva e coletivamente representativos de uma vivência propriamente urbana, resultado de objetivações e compressões espaço-temporais, bem como de comunicações interclasses sociais e de práticas políticas específicas.

A grande quantidade e a multiplicidade de mensagens que são trocadas o tempo todo faz com que seja muito difícil destacar singularmente algo ou alguém nas vivências cotidianas. Isso permite indagar que estratégias são criadas para que cada mensagem possa ser percebida em meio ao todo, e como cada um pode se individualizar e se relacionar com outros em meio à multidão em fluxo. A interação comunicacional seria o denominador comum? Ou a não comunicação, o não acionamento sensorial e a negação do potencial de comunicação dos elementos significantes não apropriados? Para se compreender a vida na cidade e as práticas sociais dela decorrentes, é imperativo lançar um olhar mais interrogativo para a economia dos sinais comunicativos da dimensão midiática, mas também as lógicas paradoxais das interações verbais e extra-verbais no nível interpessoal.

A co-presença é o que caracteriza a vida urbana, marcadamente o compartilhamento de um espaço limitado com um grande número de pessoas, em relação à amplidão dos ambientes rurais, ou seja, aglomeração. Mas isso não quer dizer que o nível de interação ou comunicação entre passantes, ou mesmo entre quem se relaciona de forma ocasional, seja mais do que um exercício efêmero de inteligibilidade entre dois seres. Porém, considerada essa possibilidade, a vida social urbana existe e se realiza como comunicação em diferentes níveis e efetivamente conduz a uma coordenação de comportamentos que se realiza na interação verbal e extra-verbal (gestos, posturas) dos habitantes da cidade⁴. Esse panorama se complexifica com o advento da comunicação digital e em rede de compartilhamento de dados, em que as

⁴ Sobre interações verbais e extra-verbais, cf. Rodrigues (2013).

interações se dão como não-presença, já que ocorrem de forma verbal ou gráfica em decorrência de mediações tecno-virtuais.

Assim é que a individualidade contemporânea e as relações sociais nos grandes centros urbanos, permeadas pela mídia virtual e pelas novas plataformas de comunicação, aparecem representadas na obra audiovisual *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*⁵. Sua análise permite uma ampla discussão acerca do sentido produzido pelas representações sociais e midiáticas nas vivências interpessoais e nas expressões de subjetividades, bem como comporta uma reflexão a respeito da sociedade em que estamos.

Para analisar como ocorre a produção de sentido em uma obra audiovisual, é preciso refletir a respeito não só da poética visual e de seus aspectos estéticos, como também a respeito de seu viés contextual, sociocultural, comunicacional. O presente artigo versa, portanto, sobre a construção das representações por meio da ligação simbólica do filme com a arquitetura da cidade de Buenos Aires, expondo as relações sociais como reflexo de uma cultura urbana, midiática e virtual.

O filme *Medianeras*, uma produção do cinema argentino dirigida por Gustavo Taretto, narra a história de Martín (Javier Drolas) e Mariana (Pilar López de Ayala), dois jovens que vivem no mesmo quarteirão de Buenos Aires. Apesar de se cruzarem e caminharem pelos mesmos lugares, as personagens não se percebem e não se encontram durante grande parte do roteiro.

É através de recursos da linguagem cinematográfica, que o diretor reforça durante todo o filme o sentimento de isolamento e a constante busca por algo que parece perdido nas práticas coletivas do cotidiano das grandes cidades. Desde suas primeiras cenas, *Medianeras* mostra-se como um adensamento de representações simbólicas. Nos primeiros três minutos, o filme se detém em apresentar as diferenças arquitetônicas da cidade de Buenos Aires a partir da narração subjetiva do protagonista, estabelecendo uma relação entre as construções urbanas e as pessoas que habitam a cidade. Por essa razão, o filme possibilita apreender a representação da formação arquitetônica da cidade nas subjetividades dos protagonistas da trama, que potencializam o coletivo do lugar e do tempo em que vivem, ressaltando, dessa forma, a relação entre a cultura, o comportamento e a realidade midiática e virtual.

⁵ Filme argentino de 2011, dirigido por Gustavo Taretto e distribuição Imovision.

2. (RE)SIGNIFICAÇÃO EM *MEDIANERAS*

Como suporte visual que permite e evidencia vertentes interpretativas diversas, um filme pode ser visto como objeto de estudo intrínseco à sua própria existência: sua coexistência discursiva. Isto é, a partir de sua própria existência, um produto audiovisual – qualquer que seja ele – gera interpretações e significados que estimulam a comunicação e a reflexão. É a partir das múltiplas possibilidades de ressignificação que a produção de sentido é estabelecida no discurso audiovisual, tornando polissêmico o cenário narrativo, tanto o imagético quanto o discursivo.

A polissemia é decorrente das significações impressas por dois agentes responsáveis pela mensagem ou produto midiático. O emissor, em seu lugar de produção, estabelece uma relação de intencionalidade a partir da escolha de recursos técnicos e da ação da linguagem. Já o interpretante, em seu lugar de recepção, constitui uma intencionalidade oriunda de conhecimentos adquiridos, vinculados à sua formação e ao seu repertório, por meio do qual conceberá o signo ou o conjunto de signos que compõem a cena cinematográfica e o ressignificará.

Trazendo estas concepções para a narrativa audiovisual em análise, entende-se que, funcionando como mediador de um significado presente no imaginário das personagens Martín e Mariana, a representação simbólica das construções arquitetônicas enriquece o potencial polissêmico das cenas, que sempre resgatam a cidade e o espaço urbano, seja por meio da inserção das imagens de Buenos Aires ou por meio do próprio discurso dos protagonistas.

Trata-se da amplificação dos sentidos da narrativa audiovisual, que vai sendo posta de acordo com a inserção de elementos simbólicos no interior das obras. A utilização de objetos responsáveis por representações conotativas enriquecem a experiência da decodificação e quebram a estrutura de produtos lineares imersos em representações denotativas, nos quais seu completo significado encontra-se dado na própria imagem, processo que acarreta a privação da reflexão e construção de sentido, ou ressignificação da mensagem, também pelo receptor.

Isso faz com que a análise de um filme seja um processo de múltiplos sentidos: o do idealizador, o do público e o do analisador, que também é objeto das programações sociais que permitem a significação coletiva de qualquer obra audiovisual ou de qualquer mensagem da comunicação urbana. Nesse cenário, observa-se que tanto o

processo de produção de sentido quanto o processo de ressignificação são resultados de uma cointencionalidade.

A relação existente entre os signos culturais e as práticas e produções midiáticas a partir da análise do filme *Medianeras* alicerça a ideia de que um dos mais significativos meios de relação interpessoal no cotidiano de uma cultura urbana, mesmo em meio ao aglomerado de pessoas, estabelece-se de forma virtual. Mesmo que o filme encaminhe-se para os desdobramentos copresenciais desse tipo de relação, salienta que a cultura das mídias e o mundo virtual têm resultado em um isolamento do indivíduo contemporâneo, que evita se conectar presencialmente com o coletivo, ou seja, mantém suas relações mais próximas no espaço virtual em detrimento das experiências físicas. No entanto, mesmo em toda a sua complexidade, o mundo virtual é apenas parte do mundo vivido, em que a experiência com a materialidade desse mundo desempenha papel precípua. É possível então refletir que um filme é um todo analítico, mas também somente parte desse todo⁶ e *Medianeras*, com sua representação das práticas da sociedade contemporânea, insere-se na perspectiva de que “o cinema está abusivamente preso no espaço da representação” (Aumont, 2004, p. 67), assim como as relações virtualizadas na internet. Esse é um dado a ser acrescido à análise.

O filme traz ainda um outro fator de ressignificação, desta vez ligado ao significado do nome *Medianeras*, palavra que só existe no contexto argentino e de forma mais expressiva em Buenos Aires. A palavra designa a lateral dos prédios feita em concreto e que não possuem janelas, um lado do edifício que os moradores não têm acesso e que é comumente usado para a exposição de anúncios publicitários. Em determinado momento do filme, uma das falas da personagem Mariana traz justamente um paralelo entre as medianeras⁷ e um lado do indivíduo contemporâneo. Em seu discurso, a protagonista reflete sobre a inconstante relação do homem com espaço que ocupa, reflete também sobre a crise Argentina e, conseqüentemente, a realidade econômica e política do país. No filme, as personagens Martín e Mariana decidem, ambos, quebrar a parede medianera de seus edifícios, deixando entrar mais ar e luminosidade no apartamento, podendo representar ainda uma tentativa de melhorar a própria relação entre pessoa e cidade.

⁶ Cf. Metz (2001).

⁷ Nome dado à parede lateral dos edifícios em Buenos Aires. Normalmente são inutilizadas do ponto de vista arquitetônico, mas comumente convertidas em espaço para exposição de anúncios publicitários.

3. O OBJETO DE ANÁLISE EM CENA

Dois momentos em *Medianeras* sustentam uma reflexão inicial sobre as questões que conectam as cidades, a cultura, a mídia e as interações sociais. Para isso, utilizou-se um método de decupagem⁸ audiovisual, em que foram extraídas as falas das personagens protagonistas em dois momentos distintos do filme, que, apesar disso, possuem a mesma construção narrativa, as mesmas características visuais e a mesma proposta discursiva. Tratam-se de momentos em que, por meio da voz em *off*, cada uma das personagens principais apresenta determinado ponto de vista sobre a arquitetura de Buenos Aires - nesse ponto, identificamos a semelhança discursiva. Além disso, a disposição das imagens utilizadas na construção das cenas também é um ponto de convergência entre as duas sequências, demonstrando a opção também pela semelhança visual nos dois momentos da narrativa.

Os primeiros 30 segundos de *Medianeras* são apenas visuais. São apresentadas imagens de Buenos Aires durante à noite e cada *take* tem a duração de aproximadamente 4 segundos. Dessa forma, são apresentados 7 inserções visuais da cidade, até que, no oitavo *take* inicia-se uma narração em *off* feita pelo protagonista Martín. Essa primeira fala, que se inicia aos 31 segundos de filme e se encerra aos 4 minutos e 8 segundos, apresenta a arquitetura e a cidade de Buenos Aires a partir do olhar de Martín, trazendo também uma breve apresentação da personagem e o seu olhar sobre a estrutura urbana que o rodeia. Após o início da narração, o tempo de exibição dos *takes* é diminuído, passando a ser de aproximadamente 2 segundos.

O discurso das personagens é apresentado, neste artigo, em português, sendo resultado de uma tradução livre. As falas das personagens encontram-se em itálico, modo encontrado para diferenciá-las do restante do conteúdo deste artigo. Além disso, a escrita segue um padrão comumente utilizados nos textos escritos pelos repórteres do telejornalismo, em que o uso de uma barra (/) significa uma breve pausa na fala, como se adquirisse o sentido sonoro da vírgula; e o uso de duas barras (//) representa uma pausa mais prolongada, adquirindo o valor sonoro de um ponto final. Acompanhando as falas das personagens, são inseridos também alguns *frames* retirados dos *takes* em questão, fechando a decupagem descritiva realizada nesse primeiro momento do estudo.

⁸ Definimos decupagem "como o processo de decomposição do filme" (Xavier, 2005, p. 27).

Buenos Aires cresce descontrolada e imperfeita // É uma cidade superpovoada em um país deserto / Uma cidade onde se erguem milhares e milhares e milhares de edifícios sem nenhum critério // Ao lado de um muito alto, existe um muito baixo / Ao lado de um racionalista, um irracional / Ao lado de um em estilo francês há outro sem nenhum estilo / Provavelmente estas irregularidades nos refletem perfeitamente / Irregularidades estéticas e éticas.



Estes edifícios que se sucedem sem nenhuma lógica demonstram uma total falta de planejamento // Exatamente igual à nossa vida / Vamos vivendo sem ter a mínima ideia de como queremos que ela fique // Vivemos como se estivéssemos de passagem por Buenos Aires / Somos os criadores da cultura do inquilino // Os edifícios são cada vez menores, para dar lugar a novos edifícios / Menores ainda // Os apartamentos se dividem em ambientes / E vão desde os excepcionais 5 ambientes com varanda / sala de jogos / dependência de empregados / depósito / Até a quitinete, ou "caixa de sapatos" // Os edifícios, como quase todas as coisas pensadas pelo homem são feitos para nos diferenciar uns dos outros // Existe a frente e o fundo / e os pisos altos e baixos / Os privilegiados são identificados com a letra A, excepcionalmente a B / quanto mais progride o alfabeto menos categoria tem o apartamento // As vistas e a luminosidade são promessas que raramente coincidem com a realidade // O que se pode esperar de uma cidade que vira as costas para o seu Rio? // Estou convencido de que as separações e os divórcios / A violência familiar / O excesso de canais de cabo / A falta de comunicação / A falta de desejo / A apatia / A depressão / Os suicídios / As neuroses / Os ataques de pânico / A obesidade / As tensões musculares / A insegurança e a hipocondria / O estresse / E o sedentarismo são responsabilidade dos arquitetos e empresários da construção / Desses males / exceto o suicídio / eu padeço de todos.



O discurso acima consiste na fala de Martín. Durante todo o filme, surgem diversas outras falas que integram a arquitetura com a vida das personagens, mantendo sempre a ligação entre as relações sociais das personagens por meio da mídia virtual e o sentido da arquitetura como um reflexo dessa cultura individualista contemporânea, urbana e midiática.

Uma nova sequência, que apresenta tanto a retomada da construção narrativa anteriormente abordada quanto essa relação entre a arquitetura da cidade e o cotidiano das personagens, inicia-se com 1 hora, 6 minutos e 34 segundos de filme. Dessa vez trata-se da voz da em *off* da outra protagonista, Mariana. A personagem apresenta em seu discurso uma característica arquitetônica local e que influencia diretamente a vida dos protagonistas do filme. A fala de Mariana é iniciada em 1 hora, 6 minutos e 51 segundos e retoma a mesma poética visual da fala de Martín no início do filme, ou seja, *takes* com duração de aproximadamente 2 segundos e que retratam características da arquitetura de Buenos Aires.

Todos os edifícios / absolutamente todos / possuem uma face inútil // Imprestável / Que não é nem a fachada da frente e nem a detrás / É a “medianera”/ Superfícies enormes que nos dividem e nos lembram do passar do tempo / a poluição e a sujeira da cidade // As medianeras mostram nosso estado mais miserável / refletem a inconstância / as rachaduras / as soluções provisórias / É a sujeira que escondemos sob o tapete / só nos lembramos delas excepcionalmente / quando submetidas pelos intempéries do tempo, deixam infiltrar suas reivindicações.



As medianeras são convertidas em mais um meio publicitário / que em raras exceções conseguem embelezá-las // Geralmente, são propagandas duvidosas dos minutos que nos separam dos grandes supermercados ou dos fast food / anúncios de loteria que nos prometem muito em troca de quase nada // Ultimamente lembram a terrível crise econômica que nos deixou assim / sem emprego // Contra toda a opressão que significa viver em caixas de sapato / existe uma saída / uma via de escape / ilegal, como toda via de escape / Uma clara contravenção aos códigos de planejamento urbano / se abrem minúsculas, irregulares e irresponsáveis janelas que permitem que alguns milagrosos raios de luz / iluminem a escuridão em que vivemos.

A sequência acaba em 1 hora, 8 minutos e 42 segundos e o último take apresenta uma medianera com a palavra *Hope*⁹.



4. AS RELAÇÕES SOCIAIS: CIDADE, REPRESENTAÇÃO E MÍDIA

Ao tratarmos dessa relação entre a arquitetura urbana, a comunicação virtual e as relações sociais, nos ambientamos, necessariamente, em uma realidade cultural em que a comunicação midiática tem papel de destaque. Mídia, aqui é mais do que um mero canal de compartilhamento de mensagens; antes, constitui um modo de experiência

⁹ Esperança (tradução livre).

contemporâneo¹⁰. Pensar a cidade, as disparidades arquitetônicas e as faces do urbano como representação de um individualismo contemporâneo e um modo de relação social por meio da linguagem cinematográfica nos insere numa realidade transdisciplinar, em que os processos culturais, comunicacionais e sociais encontram-se interligados de maneira quase indissociável.

A ideia de cultura das mídias traz consigo novos panoramas para a comunicação. O surgimento de novas técnicas e novas mídias cria um ambiente de trocas, produz uma mediação alicerçada nas relações vinculativas. Falamos também de linguagem, dos sentidos provocados pelos vínculos, pelos signos, um processo que supera o tecnicismo e nos coloca diante de uma comunicação que altera a percepção espaço-temporal. A transformação no cenário urbano das grandes cidades é notável. Como posto por Martín no início do filme *Medianeras*, esse crescimento e essa transformação desordenada da cidade refletem as relações sociais do indivíduo com o coletivo, consigo próprio e com o próprio espaço que habita.

Há, nos espaços urbanos especialmente das cidades latino-americanas, uma profusão de imagens e mensagens verbais que torna caótica a experiência visual e estética de quem transita pelos ou mora nos grandes centros. Letreiros luminosos, relógios digitais, fachadas de *led*, iluminação feérica, sinais de trânsito, pessoas com o olhar preso a telinhas de telefones móveis enquanto caminham fazem do espaço da cidade um fluxo incessante. O filme ressalta isso, e identificar uma mensagem ou um indivíduo em meio a esse caos é uma tarefa exaustiva, mesmo quando inconsciente. A relação do homem urbano com a mídia faz transparecerem novos vínculos comunicativos, evidenciando que as "novas tecnologias de comunicação e informação estão reconfigurando os espaços urbanos bem como as práticas sociais desses mesmos espaços" (Lemos, 2004, p. 19).

Essa reconfiguração dos espaços encontra-se em uma escala global, como elemento de quase unificação diante do fenômeno cultural que são as relações virtuais.

A cidadania, o exercício social na *urbis*, passa hoje por esse sentimento de conexão generalizada. Esta é o que caracteriza as cidades contemporâneas pela nova dinâmica instaurada pelas redes telemáticas. O ciberespaço nos faz emissores de informação e nos coloca em pleno nomadismo *high-tech*. Participar, ser cidadão hoje, é estar conectado (Lemos, 2004, p. 20).

¹⁰ Cf. Silverstone (2005).

No entanto, diante dessa realidade comum é preciso estar ciente também que a leitura espaço-temporal do cotidiano, da aleatoriedade arquitetônica e da interação social é inerente ao processo subjetivo de ressignificação tanto da cidade quanto das relações.

As cidades são também as muitas diferentes visões de quem a olha e vê as versões que se apresentam dentro dos seus limites urbanos. Uma visão da cidade é um discurso ao mesmo tempo individual e do todo, mais perceptível quanto mais concretizado em formas midiáticas. As mídias são, portanto, condição da visibilidade urbana (Silva & Rocha, 2006, p. 07).

Martín e Mariana, protagonistas de *Medianeras*, desfrutam de uma mesma visão sobre a materialidade dos espaços urbanos, em que a própria cidade conta, por meio de suas estruturas e da relação com seus habitantes, como está organizada culturalmente. Trata-se de compreender as construções arquitetônicas, seus usos e disposições como elementos de representação, de uma presença ausente - em que a face da presença pode referir-se a própria relação entre os indivíduos e o ausente se mantém no campo da subjetividade, do mental.

A personagem Mariana, em seu discurso de apresentação, em que a narração desenvolve uma função contextual, se descreve como arquiteta. Sua fala é permeada de ressignificações a partir do momento em que a protagonista confessa que há 2 anos é arquiteta, mas que, apesar da formação, nunca construiu nada. Seguindo a sequência de cenas, Mariana, fala que também não deu certo com outros tipos de construções, referindo-se ao final de uma relação de 4 anos - fazendo um paralelo entre sua trajetória de insucesso profissional e seu mal sucedido relacionamento. Mais uma vez, observa-se, representada na narrativa fílmica, as construções urbanas tratadas como representação das interações e relações sociais.

Marcondes (2009) ao apresentar um panorama breve sobre a representação aborda a visão do estudioso Stuart Hall, que compreende dois processos para o sistema de produção de significados. Interessa-nos neste momento pensar sobre a linguagem "enquanto veículo a partir do qual as representações são traduzidas e organizadas, funcionando também como o elo de ligação entre mapas conceituais e signos" (Marcondes, 2009, p. 308). Logo, as representações podem ganhar materialidade a partir de linguagens diversas, sejam elas a verbal, a arquitetônica ou a cinematográfica.

As formas urbanas que fazem a cidade sempre estiveram ligadas à realidade técnica e social de seus tempos. Como a própria comunicação, a cidade é um organismo vivo, dinâmico, que se move de acordo com os fluxos materiais e sociais, com as redes políticas, econômicas e comunicacionais. "Hoje, dentro desta perspectiva, temos a nossa disposição uma nova rede técnica (o ciberespaço) e uma nova rede social (as diversas formas de sociabilidade *online*)" (Lemos, 2004, p. 20).

Percebe-se no filme *Medianeras* que Martín vive em uma cidade virtual em detrimento das vivências na cidade física. O protagonista substitui o espaço urbano pela possibilidade de isolamento do espaço virtual midiático (projetados nas figuras do computador, internet e videogame). A personagem localiza-se, portanto, em um ciberespaço¹¹ onde, ao mesmo tempo que encontra-se isolado de uma realidade física, está na iminência de uma agregação social, já que se diverte, trabalha e se relaciona nesse espaço virtual. É exatamente a rotina da comunicação à distância, por meio da experiência com as mídias digitais e virtuais, que permite essa proximidade social simbólica, ou seja, que faz com que o isolamento do indivíduo não se transforme em solidão completa.

Mais do que uma reflexão acerca do individualismo contemporâneo em uma cidade virtual, *Medianeras* possibilita pensarmos na Buenos Aires das personagens a partir da ótica da cibercidade.

Cibercidade nada mais é do que um conceito que visa colocar o acento sobre as formas de impacto das novas redes telemáticas no espaço urbano. [...] A cibercidade é a cidade contemporânea e todas as cidades contemporâneas estão se transformando em cibercidades. Podemos entender por cibercidades as cidades nas quais a infraestrutura de telecomunicações e tecnologias digitais já é uma realidade (Lemos, 2004, p. 20).

A discussão, portanto, vai além de indivíduos isolados por uma vivência quase totalmente imersa no ciberespaço. Percebe-se o fluxo de informações e transformações que acontecem na cidade, na arquitetura local, na relação do coletivo com o meio urbano. Martín nos apresenta a ideia de que as irregularidades arquitetônicas refletem, esteticamente e eticamente, o indivíduo que habita a cidade. A cidade, em sua realidade cibernética, reflete todas as relações que a constroem cognitivamente.

¹¹ O "ciberespaço é uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais" (Moraes, 2004, p. 32).

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Partindo de uma reflexão a respeito das construções entre a relação da cidade, mídia e indivíduo, por meio do filme *Medianeras*, tentamos observar a representação e seu processo de significação dentro do próprio contexto audiovisual. As considerações de Lemos (2004) sobre o ciberespaço e a cibercidade nos ofereceram um aporte teórico que fundamenta a ideia das relações sociais no espaço virtual. A alteração da percepção espaço-temporal das cidades reflete também as mudanças das tecnologias de comunicação e informação. Ao mesmo tempo, a necessidade e a realidade da vinculação entre indivíduos que partilham um território urbano permanecem, o que nos leva a questionar: como se dá ainda estabelecimento de vínculos por meio da comunicação que interliga sociedade e cultura? O adensamento simbólico que os anúncios, os letreiros de fachadas, as roupas significativas das pessoas, o recurso permanente às mídias da comunicação social e interpessoal tão característicos da vida urbana hoje nos fazem pensar nas construções e na própria cidade como mídia.

A arquitetura de Buenos Aires revela uma cidade em expansão, uma cidade alterada pela nova dinâmica de um cotidiano extremamente midiático - ou ainda, uma cibercidade. O crescimento aleatório dos edifícios reflete as irregularidades e os paradoxos das práticas do indivíduo contemporâneo, em sua necessidade de estar conectado ainda que por meio de próteses ou órteses midiáticas, de receber informações de maneira quase compulsiva, de participar de redes sociais e, ao mesmo tempo, se manter em relativo isolamento por causa dessas relações restritas ao espaço virtual.

Refletir sobre o individualismo contemporâneo a partir das relações sociais e de suas ligações com a estética das cidades recortados da narrativa de *Medianeras* é pressupor a existência e as interrelações de subjetividades que alteram a paisagem da cidade, que por sua vez penetra nas subjetividades de seus habitantes, conferindo-lhes modos de ser peculiares a uma territorialidade ao mesmo tempo física e simbólica. O território da cidade são seus símbolos e nele a uma cidade local e arcaica subsiste juntamente com uma cidade universal e contemporânea perceptíveis na comunicação urbana, no aparato midiático e na virtualidade que permeia as relações de cada um consigo mesmo e com os outros no cotidiano urbano.

BIBLIOGRAFIA

- Aumont, Jacques (2004). *O olho interminável*. São Paulo: Cosac Naif.
- Lemos, André (2004). Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva. In: Lemos, André (org.). *Cibercidade: A cidade na cibercultura*. E-papers Serviços Editoriais, Rio de Janeiro.
- Marcondes, C., Filho (org.) (2009). *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Paulus.
- Metz, Christian (2001). *El significante imaginário: psicoanálisis y cine*. Tradução para o espanhol Josep Elías. Buenos Aires: Paidós.
- Moraes, Patrícia Barros (2004). Propostas e desafios nas cidades digitais. In: Lemos, André (org.). *Cibercidade: A cidade na cibercultura*. E-papers Serviços Editoriais, Rio de Janeiro.
- Rodrigues, Adriano Duarte (2013). A interação verbal. In: *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*. Unisinos: São Leopoldo/RS. Vol. 1, nº 1. Recuperado em 13 de março de 2014, de:
<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/5706>
- Silva, J.C., & Rocha, R.L.M. (2006, setembro). Leituras imagéticas e urbanidade em ações culturais nas cidades de Natal e São Paulo: apontamentos sobre proposições comunicacionais In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom.
- Silverstone, Roger (2005). *Por quê estudar a mídia?* Tradução Milton Camargo Mota. 2ª Ed. São Paulo: Loyola.
- Xavier, Ismail (2005). *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra.